

Remix Ensemble

¿Escola Holandesa?

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

MÚSICA 14 DE JANEIRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30 (com intervalo)

Direção musical Kasper de Roo **Violino** Angel Gimeno

Remix Ensemble

Violino I Angel Gimeno, Reyes Gallardo **Violino II** José Pereira, Ianina Khmelyk **Viola** Trevor McTait, Carina Rocha

Violoncelo Oliver Parr, Filipe Quaresma **Contrabaixo** António A. Aguiar **Flauta** Stephanie Wagner **Oboé** José F.

Silva **Clarinete** Vítor J. Pereira, Luís Carvalho **Fagote** Roberto Erculiani **Trompa** Simon Breyer **Trompete** Gary Farr

Trombone Simon Cowen **Tuba** Filipe Queirós **Percussão** Mário Teixeira, Manuel Campos **Piano** Jonathan Ayerst

Celesta Victor Pinho **Harpa** Carla Bos



¿Escola Holandesa?

Ao longo de vários séculos a produção musical gerou-se em torno de escolas de composição que deram origem a estilos muito particulares e que permitem identificar as obras musicais de acordo com diferentes localizações geográficas e grupos geracionais.

O programa deste concerto parte de uma interrogação sobre a existência de uma Escola Holandesa, sobre o estilo composicional de figuras dominantes da música Holandesa no último quartel do século xx, Louis Andriessen e Klaas de Vries, e a extensão da sua influência na obra dos seus alunos. Entre estes, encontram-se os compositores portugueses Vasco Mendonça e Nuno Côrte-Real, bem como uma das mais recentes revelações no panorama da música holandesa, o jovem compositor Michel van der Aa.

Programa

1ª PARTE

Vasco Mendonça

how now, brown clown? (2004) c.7min.

Louis Andriessen

Zilver (1994) c.14min.

Nuno Côrte-Real

Concerto para Violino e Orquestra de Câmara - *IN MEMORIAM Luigi Nono* - op.14 (2000) c.20min.

1. *Gioco del Silenzio*
2. *Perpetuum Mobile*
3. *Litania*

2ª PARTE

Klaas de Vries

Bewegingen (1979) c.8min.

Michel van der Aa

Attach (1999) c.17min.



Vasco Mendonça (n.1977)

how now, brown clown?

Para flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa, trompete, trombone, tuba, percussão e piano

Escrita em 2004 para o Asko Ensemble, *How now, brown clown?* é uma peça brusca, uma peça de fractura, um conjunto de momentos vigorosos de afirmação do gesto.

Construída sobre ideias anteriores ao próprio material musical (como ataque ou crescendo), a narrativa da peça é uma narrativa de saturação: resulta da sobreposição e justaposição de blocos (ou painéis) de música, momentos incompletos de ciclos que, sujeitos a um processo de filtragem, vão variando de densidade. Assim, ao que assistimos é a um processo de revelação parcial de diferentes mecanismos cíclicos, um processo em que a música progride sem direcção aparente, e que, no final, da mesma forma súbita como foi iniciada, é suspensa.

Neste universo intencionalmente bruto de afirmação, um fenómeno de indisciplina local: o momento em que no trompete surge, como uma espécie de folclore imaginário pessoal, fragmentos de frases tranquilamente *cool*, ecoantes de um universo musical só aparentemente distante.

Vasco Mendonça tem tido obras executadas em Inglaterra, Holanda e Portugal. Estreias recentes incluem as peças *Procession* (encomenda IX Festival Internacional de Música de Mafra) *Plurabelle* (Prémio Lopes-Graça de Composição 2004), *Pulse Mechanisms* (Gaudeamus International Contemporary Music Week 2003) e *The Boys of Summer* (Haarlem International Choir Festival 2003). A sua música tem sido tocada em espaços como Het Concertgebouw (Amesterdão), Ysbreker (Amesterdão), Vredenburg (Utrecht), Royal Northern College of Music (Manchester), Centro Cultural de Belém, Teatro Municipal S. Luíz e Culturgest. Entre os intérpretes da sua música encontram-se o Asko Ensemble, Nieuw Ensemble, Nederlands Vocaal Laboratorium, Orquestra Gulbenkian e a Orquestra de Câmara de Cascais.

Vasco Mendonça obteve o Bacharelato em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo completado em 2004 o Mestrado em Composição no Conservatorium van Amsterdam, sob a orientação de Klaas de Vries.



Louis Andriessen (n. 1939)

Zilver

Para flauta, clarinete, violino, violoncelo, vibrafone, marimba e piano
Boosey & Hawkes

Na partitura de *Zilver*, obra encomendada pela Serge Koussevitzky Music Foundation e a California EAR Unit e estreada por este último grupo em Los Angeles a 11 de Janeiro de 1995, consta a seguinte indicação da maior importância: “A flauta deve ser a voz predominante ao longo de toda a peça. Para tornar isto possível, a dinâmica do clarinete e das cordas não deve ser muito elevada. As cordas devem tocar levemente (flutuando), para soar como a flauta.”

Zilver significa prata e são os dois instrumentos associados a este nobre metal que dão início à peça: a flauta acompanhada em uníssonos pelo vibrafone. Na figura destes dois instrumentos, são introduzidos dois grupos opostos que protagonizam toda a música. A ideia de Louis Andriessen foi a de “construir uma variação coral à imagem das que Bach compôs para órgão”. Uma lenta melodia em valores longos é tocada pelas madeiras (flauta e clarinete) e as cordas (violino e violoncelo). Estas exploram uma escrita coral a quatro partes. A mesma melodia é tratada em valores mais curtos no segundo grupo de instrumentos, as per-

cussões que aqui se materializam na figura do vibrafone, marimba e piano, todos eles instrumentos capazes de executar acordes. Estes acordes tornam-se progressivamente mais rápidos ao longo da peça.

Assim, a música progride numa espécie de cânon dividido por entre estes dois grupos.

Rui Pereira

Nascido em Utrecht, em 1939, no seio de uma família de músicos, **Louis Andriessen** estudou com o seu pai, Hendrik, e com Kees van Baaren no Conservatório de Haia, prosseguindo a sua formação com Luciano Berio. Desde 1974 combina a sua actividade de compositor com o ensino, ramos em que se tornou uma das mais influentes figuras contemporâneas.

Assumindo um passado com referências no jazz e na música de vanguarda, Andriessen maturou um estilo assente em materiais harmónicos, melódicos e rítmicos elementares mas que são alvo de uma instrumentação completamente distinta e característica.

A sua música é executada pelas mais importantes orquestras e grupos de música contemporânea da actualidade internacional. Colaborações com outros artistas têm levado Andriessen a escrever para o teatro, cinema, televisão, dança. Recentes encomendas incluem *La Passione* para a London Sinfonietta, *Garden of Eros* para o Arditti Quartet, e *Racconto dall' inferno* para o MusikFabrik.

Nuno Côrte-Real (n.1971)

Concerto para Violino e Orquestra de Câmara – *IN MEMORIAM Luigi Nono* – op.14
Para violino solo, flauta, oboé, clarinete, trompa, percussão, piano, quarteto de cordas e contrabaixo

1. *Gioco del Silenzio*
2. *Perpetuum Mobile*
3. *Litania*

Composto no ano 2000, no final da sua estadia como estudante na Holanda, o Concerto para Violino não é já, todavia, uma obra de estudante. É, antes, uma obra inspirada que sai da rotina académica e se afasta do estilo impessoal que aí prevalece, um estilo em que *cada um é o outro e nenhum é si-próprio*. Percebe-se nesta obra um compositor em estado nascente, um compositor fazendo-se, no gesto da própria escrita, na emergência do estilo, descobrindo a própria voz, e sobretudo, descobrindo a capacidade de se dizer. Dir-se-ia, se pensarmos na desconfiança com que actualmente nos deparamos com algo belo, que é uma obra capaz de chocar pela sua beleza.

Nuno Côrte-Real, retomando o caminho esquecido da grande tradição, abriu um espaço de possibilidades. Liberta de paradigmas e de pressupostos estéticos, a sua obra restitui à música a sua natureza sensível, instaurando um lugar de comunicação e emoção. A obra como fenómeno de ressonância na interioridade do ouvinte. A partir da segunda metade do século XX os aspectos construtivos e lógicos são valorizados em detrimento da audição. De certa maneira a análise substitui a escuta, o pensamento substitui o dado sensível. Ninguém se interessa pelo que as obras são (auditivamente), mas pelo que elas representam, pelo seu papel num processo histórico em progresso que se crê absoluto. A emissão de som triunfa sobre a escuta. Adquirimos uma notável

mestria na produção e organização do som, mas não sabemos como recebê-lo. A arte tornou-se coisa de elites. Côrte-Real tenta inverter esta tendência criando uma música que ensina a escuta, uma música correlato da escuta. Este aspecto evidencia-se no Concerto para Violino pelo papel expressivo, estrutural, mas também metafórico e simbólico que o compositor atribui ao silêncio.

O silêncio é o oxigénio que toda a música respira.

Afonso Miranda

Nuno Côrte-Real nasceu em Lisboa no ano de 1971. Em 1995 concluiu o Curso Superior de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa, onde estudou com Carlos Caires, Roberto Perez, Christopher Bochmann, António Pinho Vargas e António Sousa Dias (música electrónica). Viveu na Holanda entre 1996 e 2002, tendo concluído o Curso de Composição do Conservatório de Roterdão com os professores Klaas de Vries, Peter Yan Wagemans e Rene Uijlenhoet (música electrónica).

Paralelamente estudou direcção de orquestra, primeiro como ouvinte no Conservatório de Roterdão com o maestro Jurjen Hempel e Jos van der Sijde, e depois na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, com o Maestro Jean-Marc Burfin. As suas obras são executadas regularmente na Europa e América e tem recebido encomendas de várias instituições culturais. O Remix Ensemble incluiu no seu primeiro CD o bailado *Andarilhos*, obra co-encomendada pela Casa da Música e o Centro Cultural de Belém, e foi-lhe encomendada uma ópera de câmara pela Casa da Música com estreia prevista para 2007. Em 2003 foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Grau Prata da Câmara Municipal de Torres Vedras.



Klaas de Vries (n. 1944)

Bewegingen

Para flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa, percussão, celesta, harpa, piano, quarteto de cordas e contrabaixo

Donemus Amsterdam

Bewegingen foi escrita em 1979, o ano em que Klaas de Vries foi nomeado professor de análise, instrumentação e composição no Conservatório de Roterdão. Denotando a atitude típica dos compositores holandeses do pós-guerra, a de se manterem abertos a múltiplas influências, Klaas de Vries deixa transparecer características da música de fusão da década de setenta nesta peça.

Bewegingen, que tem como subtítulo [*Movements*], tem início com as percussões, o piano, a celesta e a harpa, numa fina textura de ritmo lento. Estes instrumentos, no seu vagar, vão tecendo rapidamente uma malha rítmica que sustenta a primeira parte (como se fossem gotas a cair aleatoriamente dentro de uma gruta, um ambiente de grande fantasia que será recorrente ao longo da obra). Essa pulsação, que vai mudar de figuração várias vezes no decorrer da obra, é da maior importância servindo como referência auditiva ao longo da peça. O elemento melódico é introduzido pelo clarinete que dá início a uma progres-

são dos instrumentos melódicos similar à dos instrumentos de percussão – partindo de um instrumento isolado para uma complexa textura onde todos os instrumentos participam. Nesta instrumentação é de notar a inclusão de apenas um instrumento da família dos metais, a trompa, que vem acrescentar um colorido muito especial ao ensemble.

A peça é marcada por várias secções com andamentos de tempo diferentes sendo que a estrutura da peça, num plano de continuidade, progride para um clímax central mais agitado regressando a uma cenário mais calmo, quase etéreo, na sua fase final.

Rui Pereira

Klaas de Vries é natural de Terneuzen e estudou piano no Conservatório de Roterdão e composição no Conservatório de Haia, onde obteve o prémio de composição em 1974, tendo prosseguido estudos nessa área com Milko Kelemen em Estugarda. Enquanto compositor, recolheu múltiplas influências desde a música antiga (*Organum*, 1971) ao minimalismo (*Moeilijkheden*, 1977), passando por obras que conjugam diversas ascendências tais como *Discantus* (1982), obra que ganhou o prémio Matthijs Vermeulen em 1983.

A sua obra tem sido interpretada regularmente em todo o mundo e a sua actividade como pedagogo tem sido dominante. Vries é professor de análise, composição e instrumentação no Conservatório de Roterdão desde 1979 e em 1995 foi compositor residente no Tanglewood Festival of Contemporary Music.



Michel van der Aa (n. 1970)

Attach

Para ensemble e música gravada: oboé, clarinete, clarinete baixo, fagote, trompeta, percussão, quarteto de cordas e contrabaixo
Donemus Amsterdam

Attach, a exemplo do que acontece em músicas que usam realidades musicais diferentes, explora a relação entre duas forças opostas: os músicos que compõem o ensemble e a música gravada. A força germinal é a música gravada, o impulso a que o ensemble responde após cerca de 43 segundos de exposição ao estímulo sonoro. Reagindo dentro de um cenário de grande complexidade rítmica e imobilidade melódica, os instrumentos acompanham a continuidade linear do som gravado ao longo de pouco mais de um minuto.

A partir desse momento, a música prossegue como um caleidoscópio num jogo de interacção entre os diversos instrumentos e onde a própria parte gravada parece responder, numa função complementar tímbrica e harmónica, ao material fornecido pelos instrumentos.

Ao longo de toda a peça está presente uma forte pulsação rítmica que se dispersa em curtas secções de grande virtuosismo instrumental, em unísono, e partes em que paira uma sensação de harmonia irreal,

fruto da junção com a parte gravada.

Uma secção central mais calma é interrompida por breves mas poderosas afirmações rítmicas que vão contagiar a peça no crescendo para o seu clímax, o qual explode numa dramática suspensão em silêncio de cerca de 20 segundos. Este silêncio representa uma eternidade que despona a secção final desta peça galardoada com o Matthijs Vermeulen Incentive, prémio atribuído pela Amsterdam Art Foundation em 2000. *Attach* é parte da trilogia *Preposition*, composta por *Above*, *Between* e *Attach*.

Rui Pereira

Michel van der Aa é um dos maiores nomes da música holandesa, estatuto que alcançou graças às suas obras para teatro musical. Criador de uma escrita de grande expressividade, com um forte sentido dramático e de espaço e a capacidade de criar ilusões sonoras, factores essenciais nesse género musical, Michel van der Aa foi discípulo de Diderik Wagenaar, Gilius van Bergeijk e Louis Andriessen. Os elementos essenciais da sua música são a utilização do ritmo e de acordes como elementos estruturais, princípios que o situam no plano do construtivismo.

Desde 2002, altura em que terminou um curso de realização na New York Film Academy tem dado grande destaque à associação entre música e imagem.

Michel Van der Aa foi o primeiro compositor holandês a ganhar o International Gaudeamus Prize (1999, por *Between*, parte integrante da trilogia a que pertence *Attach*). Em 2004 Van der Aa ganhou o prémio Matthijs Vermeulen por *One*. A Ernst von Siemens Foundation atribuiu-lhe a Siemens Composers Grant em 2005, ano em que também ganhou o prémio Charlotte Köhler pelo carácter interdisciplinar da sua obra.



Kasper de Roo

direcção musical

Kasper de Roo estudou direcção de orquestra e fagote em Haia, no Conservatório Real, e em Amsterdão no Conservatório Sweelinck. Em 1979 foi convidado por Russel Davies a participar no Festival de Música de Cabrillo na Califórnia. Em 1980 venceu a International Competition for Young Conductors em Besançon, França. Em 1984, Kasper de Roo foi contratado para o cargo de Mestre de Capela da Ópera do Estado de Estugarda.

Foi Maestro convidado da Nederlandse Opera em Amesterdão, da Ópera Nacional da Bélgica e da Deutsche Opera em Berlim. Dirigiu concertos e gravações, entre muitos outros, com a Orquestra Filarmónica de Roterdão, a Real Filarmónica de Antuérpia, a NDR de Hamburgo, a SWR de Baden-Baden, a Orquestra de Câmara de Estugarda, a BBC Scottish Symphony Orchestra, a Orquestra Filarmónica Nacional de Varsóvia, a Orquestra Sinfónica Nacional de Buenos Aires e o Ensemble Modern de Frankfurt.

Kasper de Roo participa regularmente nos mais importantes festivais europeus como maestro de música contemporânea. Foi convidado a participar no Holland Festival, Wiener Festwochen, Festival Wien Modern, Edinburgh Festival, Festival Gulbenkian, Lucerne Festival,

Ultima Festival Oslo, Festival da Flandres, Musikmonat Basel e no Festival d'Automne Paris.

Como director musical da Casa de Ópera e da Orquestra Sinfónica de Innsbruck programou um ciclo de cinco anos dedicado a Stravinsky que incluiu todas as principais obras encenadas e orquestrais.

Como maestro principal da National Orchestra of Ireland fez várias digressões em concerto na Grã-Bretanha, Alemanha, Áustria e Holanda. Os concertos tiveram lugar no Concertgebouw de Amsterdão, no Royal Festival Hall de Londres e no Liederhalle de Estugarda.

Kasper de Roo fundou em 1999 o Windkraft Tirol, uma orquestra de sopros e percussão especializada em música contemporânea. Neste âmbito realizou concertos com obras de Gubaidulina, Rihm, Lindberg, Staud e Birtwistle, no Klangspuren Festival Schwaz, no TransArt Festival Bolzano, em Innsbruck e em Basileia. No futuro próximo estão agendados concertos em Viena, Tallin, Riga e Vilnius.

Convites presentes levarão Kasper de Roo a Lisboa, Porto, Frankfurt, Estugarda, Berlim, Basileia, Colónia, Berna, Lucerna, Innsbruck, Antuérpia e Oslo. Realizou várias gravações de CDs com Auvidis Montaigne, Cantaloupe, Marco Polo, WERGO, MDR, WDR, RTE e HR-DVD.

A gravação de Tessalation Row de Elliot Sharp realizada pelo Ensemble Modern e por Kasper de Roo foi nomeada para o prémio de 2004 da crítica de gravações Alemã.



Angel Gimeno

Violino

Angel Gimeno (Venezuela) é diplomado pelo Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (primeiro prêmio na classe de violino de Michèle Auclair) e pós-graduado pelo Conservatório Estatal Tchaikovski de Moscou, classe de Evguenya Tchugaeva. Premiado na Universidade de Indiana, Estados Unidos, pela melhor interpretação do Concerto para Violino de Alban Berg, actuou, na sequência dessa distinção, como solista no Auditório de Bloomington, nesse mesmo Estado norte-americano. Nos anos oitenta foi violinista convidado pelas orquestras nacionais da Venezuela e Holanda, executando repertório standard de violino. Além do seu trabalho com o Remix Ensemble, Angel Gimeno está à frente do Nieuw Ensemble de Amsterdão. No âmbito dos trabalhos deste agrupamento, estudou directamente com Berio, Emmanuel Nunes, Boulez, Ferneyhough, Harvey, Donatoni e Luís de Pablo. A sua experiência musical levou-o também a trabalhar de muito perto a música de compositores de uma geração mais jovem, entre os quais se contam Francesconi, Tan Dun, Guo Wenjing, Xu Shuya e Regis Campo, entre outros.

Remix Ensemble

Estrutura essencial da Casa da Música, o Remix Ensemble já apresentou em estreia absoluta vinte e oito novas obras de vinte e três compositores. Desde o seu início em 2000, sob a direcção do então maestro titular Stefan Asbury, o ecletismo do seu repertório estende-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz, a par da promoção de numerosos *workshops* com compositores como António Pinho Vargas, Brice Pauset, Emmanuel Nunes, Frédéric Durieux, Heiner Goebbels, Iris ter Schiphorst, James Dillon, Keiko Harada, Luís Tinoco, Magnus Lindberg, Mark-Anthony Turnage e Rolf Gupta. Até ao presente, entre os maestros convidados para dirigir o Remix Ensemble, contam-se Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel e Franck Ollu entre outros. No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se no Ensembles – XXIII Festival Internacional de Música Contemporânea de Valência, no encerramento das capitais europeias da Cultura em Roterdão (2001), no Huddersfield Contemporary Music Festival, Reino Unido (2003) e em Barcelona, La Pedrera, no âmbito de uma exposição oficial sobre o Modernismo Português (2004). Ainda em 2004, o Remix Ensemble apresentou no Festival Música de Estrasburgo a primeira ópera do compositor escocês James Dillon, *Philomela*, (uma co-produção no âmbito do Réseau Varèse) que antes interpretara em estreia mundial no Porto.

Os anos de 2005 e 2006 trarão diversas novas estreias mundiais, entre as quais a primeira ópera de Emmanuel Nunes. Estrear-se-ão, também, obras dos compositores António Pinho Vargas, Mário Laginha, Frédéric Durieux, Iris ter Schiphorst, Nuno Côrte-Real, Miguel Azguime, António Chagas-Rosa, João Madureira, Vítor Rua,

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

TEATRO 26, 27, 28 E 29 DE JANEIRO
21h30 (dias 26, 27 e 28) · 17h00 (dia 29)
Grande Auditório · Duração 1h30 (aprox.)

Uma Laranja Mecânica

Uma peça com música

De Anthony Burgess.

Um espectáculo da APA

Pedro Amaral, Laurent Filipe, Luís Tinoco, Johannes Maria Staud, Olga Neuwirth, Toshio Hosokawa, Rebecca Saunders, David Horn, Georg Friedrich Haas e Jon Balke. A actuação do Ensemble em *Philomela* foi distinguida pela crítica do *Financial Times*, que sublinhou que “o Porto tem no Remix Ensemble um excelente agrupamento contemporâneo”, enquanto *Le Monde de la Musique* assinalava a “interpretação notável [...] do Remix Ensemble”. Em Janeiro de 2005 o Remix fez uma residência artística no IRCAM, em Paris, a qual culminou numa apresentação pública em concerto. Regressou de novo, em Abril passado, para a apresentação da ópera *Philomela* na capital francesa, recebendo os maiores elogios da crítica especializada.

Em Outubro, o Remix Ensemble celebra o seu 5º aniversário em dois concertos partilhados com o agrupamento barroco Concerto Italiano. Peter Rundel é o maestro titular do Remix Ensemble.

A ideia de “livre-arbítrio versus predestinação”, enquanto única forma de atingir a “humanidade” do ser humano, é para mim a questão central da peça. O protagonista escolhe o mal como acto deliberado de liberdade espiritual num mundo de conformismo radical, assumindo desta forma que o bem está potencialmente mais presente num homem que escolhe deliberadamente o mal do que num homem que é forçado a ser bom. Os homens são o que são e não podem ser forçados a ser qualquer coisa por meio de pressões ou condicionamentos sociais. A maturidade humana é-nos apresentada como capacidade de mudar por si próprio, de aceitar a mudança e de repudiar o passado. É uma visão perturbadora sobre o controlo estatal que aniquila qualquer possibilidade de redenção escolhida livremente. Reflecte duma forma inteligente a relação entre o cidadão e o Estado e obriga-nos a reflectir e a pensar.

MANUEL WIBORG

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino

Paulo Abrantes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnicos Auxiliares

Tiago Bernardo

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt



Casa da Música



Grupo
Caixa Geral
de Depósitos